DIFERENÇAS ENTRE O PORTUGUÊS SANTOMENSE E O PORTUGUÊS BRASILEIRO: COMPLEXIDADE NA INTERCOMPREENSÃO ENTRE OS ESTUDANTES DA UNILAB.

Mariana da Silva Mota [1], Claudia Ramos Carioca [2]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar como o regionalismo do Brasil influencia na ocorrência das diferenças entre o português brasileiro e o português falado em São Tomé e Príncipe, que, consequentemente, ocasionam complexidades na intercompreensão entre os alunos santomenses e os alunos brasileiros da UNILAB. Visto que, a cada semestre, a UNILAB recebe centenas de alunos internacionais de países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), esses estudantes chegam carregados de diversidades, tanto cultural quanto linguística, pois, ao considerar que esses países possuem diferentes variedades do Português, conclui-se que, ao chegarem no Brasil, os alunos internacionais enfrentam dificuldades por conta dessa diversidade da língua portuguesa. Através de fundamentos teóricos (PEGADO, 2018; HAGEMEIJER, 2009; CALVET, 2007; FONTES, 2007; ISQUERDO, 2006; VILELA, 2001) é feita uma comparação das disparidades encontradas entre o português santomense e o português brasileiro. Além disso, faz-se uma análise sobre o fenômeno chamado regionalismo, que é um dos principais motivos geradores de complexidades na comunicação entre os estudantes internacionais e brasileiros.

Palavras-chave:

Regionalismo. São Tomé e Príncipe. Brasil. Língua Portuguesa.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ILL - Instituto de Linguagens e Literaturas, Discente, e-mail: marianamotabeta@gmail.com

[2] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ILL - Instituto de Linguagens e Literaturas , Docente, e-mail: claudiacarioca@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A cada semestre a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) recebe centenas de alunos internacionais. De acordo com as diretrizes da universidade o maior objetivo consiste em "integrar para desenvolver", sendo por meio da integração entre os professores, alunos brasileiros e estrangeiros que a UNILAB incentiva a internacionalização no ensino superior do Brasil, considerando, principalmente, a política do governo brasileiro, que tem como objetivo impulsionar a cooperação Sul-Sul, com função científica, cultural, social e ambiental.

Portanto, com a criação da UNILAB o governo brasileiro promove a integração entre os países da África (PALOP), além de Ásia e Europa, que têm como língua oficial, a língua portuguesa (UNILAB, 2010).

Contudo, mesmo que a língua portuguesa seja partilhada entre os países que compõem a UNILAB, cada região possui uma estrutura diferente do ensino do Português. No caso de São Tomé e Príncipe, é possível perceber a dominância de características portuguesas na fala dos santomenses, além de que o crioulo já é bastante influenciado por outros dialetos (FONTES, 2007), o que, consequentemente, influencia bastante nas diferenças entre o português falado pelos santomenses e o português falado por brasileiros.

A língua portuguesa é obrigatória na estrutura escolar de São Tomé e Príncipe, sendo a disciplina que é mais exigida dos alunos e a que possui a maior carga horária nas escolas, contendo 5 aulas de 45 minutos cada (PEGADO, 2018). Porém, as variedades crioulas encontradas na região, ocasionadas pelo bilinguismo do país, podem influenciar na aprendizagem dos santomenses falantes do português, pois, com essa diversidade da língua, pelo contato entre os dialetos e a língua oficial, podem caracterizar individualmente o português falado em São Tomé e Príncipe como também é o caso do português no contexto brasileiro.

No Brasil, o português é, também, herança da colonização de Portugal, mas atualmente a língua portuguesa do Brasil não tem as mesmas características da variedade que é falada em Portugal. Apesar do acordo ortográfico, é possível notar as diferenças entre esses países. Principalmente diferenças semânticas e pragmáticas, que é justamente sobre o sentido, a significação e o uso das palavras que podem se diferenciar de país para país.

No caso do Brasil, é possível encontrar variedades no português, porque cada estado e região faz um uso diferenciado dessa língua. No Brasil, cada região se difere bastante, além de questões culturais, as questões linguísticas são bem frequentes, tanto no sotaque e na fala, quanto na escrita. Por exemplo, algumas palavras ditas no Sul, podem ter significados totalmente diferentes das que são ditas no Norte. O fenômeno chamado regionalismo é o grande causador dessas variedades empregadas na língua portuguesa no Brasil, esse fenômeno é motivado pelas diferenças culturais, sociais, religiosas e políticas de cada região, que afetam diretamente a língua dos falantes brasileiros.

Portanto, é necessário reconhecer a importância da análise das diferenças regionais do Brasil e as diferenças do português falado em São Tomé e Príncipe (com características da variedade lusitana), para posteriormente analisar a complexidade na intercompreensão entre os alunos santomenses e brasileiros no ambiente acadêmico.

METODOLOGIA

Após o acordo ortográfico, assinado no dia 16 de dezembro de 1990 e que entrou em vigor no Brasil em 1° de janeiro de 2009, que tinha como objetivo unificar a língua portuguesa, foram estabelecidas as mesmas regras para todos os países falantes do português, porém, mesmo diante dessa unificação, é possível observar as

diferenças, ou seja, a variedade existente em cada país e em cada dialeto desses países, principalmente, no vocabulário, e na significação das palavras.

Fizemos uma análise histórica e linguística, baseando-nos em fundamentos teóricos, da língua portuguesa no cenário africano, no europeu e, por último, no cenário brasileiro, no qual a universidade internacionalizada (UNILAB) se encontra, para constatar as diferenças entre os três contextos da língua. No enfoque do português no cenário brasileiro, o principal foco é a questão do regionalismo e como ele contribui para a complexidade na intercompreensão dos alunos internacionais e brasileiros no ambiente acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população brasileira se origina de três povos totalmente distintos, os índios, os africanos e os portugueses, por isso, é notório salientar que, tanto no quesito cultural quanto no quesito linguístico do país, Portugal é quem denomina essas características. Pois, mesmo que o Brasil seja geograficamente maior, e que sua população seja de 110 milhões de habitantes a mais, e que ainda, seja um país mestiço, o que prevaleceu foi a língua portuguesa.

Os primeiros escritos são de origem portuguesa, como por exemplo, as cartas, que os mensageiros enviavam para a corte portuguesa, as primeiras literaturas, as primeiras leis, e todos os escritos brasileiros, eram produzidos por portugueses na sua língua materna, o que confirma a ideia de Calvet (2007, p. 11): Determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade [de outro] à sua implementação.

Entretanto, por causa da diversidade cultural e pelo fato do Brasil ser influenciado por outras nações, é possível verificar diferenças nas questões linguísticas do português brasileiro, conforme afirma Teyssier (1980) ao indicar que o português brasileiro ainda carrega heranças tanto dos ameríndios, quanto dos africanos.

Além dessas heranças culturais e linguísticas, é notório perceber como a língua portuguesa varia no território brasileiro. Para cada região um dialeto diferente, sem contar, com a questão de que os fatores sociais influenciam, também, nessas mudanças. Essa diferenciação nos dialetos brasileiros faz com que se evidencie as diferenças entre o português brasileiro e o português de Portugal.

É perceptível a existência da variedade na língua portuguesa no Brasil, e isso é possível pela ocorrência do regionalismo. Devido à multiplicação da sociedade durante a colonização, e também pelo fato, dessa população se distinguir bastante, e com isso se subdividir no território brasileiro, é possível que isso seja um dos grandes motivos para reconhecer as variações que ocorrem no português do Brasil.

Ainda, mesmo com a disseminação da cultura portuguesa e efetivação da língua também de origem portuguesa, os índios, os africanos e os mestiços, foram os principais causadores e protagonistas do surgimento dos dialetos do Brasil. Ao considerar que o Brasil foi um país colonizado, e que a diversificação cultural e linguística ocorreu, é possível notar que em cada região existem traços diferentes que se originam de outras culturas, de povos que se divergem, ou seja, podemos classificar o regionalismo como herança da colonização, ou seja, da miscigenação.

CONCLUSÕES

Entende-se, portanto, que os países falantes da língua portuguesa têm formatos que se diferem de região para região, cada um com a sua característica própria. É o caso do regionalismo do Brasil, um país com uma grande variedade na língua e uma grande quantidade de dialetos, ou seja, não somente as regiões que se diferem, mas cada estado tem sua própria autonomia na língua, e sua variedade específica. Já o caso de São Tomé e Príncipe não é diferente, um país que, também, se difere bastante, tanto culturalmente, quanto linguisticamente, do país europeu.

É evidente a grande quantidade de dialetos em São Tomé e Príncipe, além da variedade do crioulo, os falantes, aprendem o português lusitano na escola, que é a língua oficial do país. Assim, quando os alunos santomenses são trazidos para estudar na UNILAB, que se situa no interior do Ceará, na região nordestina do Brasil, além de visualizarem as diferenças entre os dois modelos do português, se deparam com as diferenças, causadas pelo regionalismo, palavras que jamais foram vistas, o modo de fala e sotaque diferente, são as principais causas para a complexidade na intercompreensão entre os alunos brasileiros (mais precisamente nordestinos) e os alunos santomenses da UNILAB.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Claudia Ramos Carioca, por todas as orientações, conselhos e direcionamentos para a conclusão da minha pesquisa.

Agradeço aos meus amigos e colegas da universidade que me ajudaram com a pesquisa, me aconselharam e me deram força para que eu continuasse firme nos meus estudos.

Agradeço à minha família pelo apoio, e por facilitarem ainda mais os meus estudos.

Agradeço ao CNPq pela disponibilidade da bolsa, que proporcionou ainda mais o bom andamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

CALVET, Louis-Jean. As políticas Linguísticas. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007. Estudo Prático, principais diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil. Disponível em: Acesso em: 21 de julho 2019.

FONTES, Carlos. Estudo do léxico do são-tomense com dicionário. Dissertação (Mestrado). Universidade de Coimbra, 2007.

CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta, 1500.

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. M. de. Gramática da língua portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

FAUSTO, B. A História do Brasil: História do Brasil cobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias. 1996, Edusp.

GONÇALVES, HAGEMEIJER. 2015. O português num contexto multilingue: O caso de São Tomé e Príncipe. Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane: Série Letras e Ciências Sociais, 1(1): 87-107.

ISQUERDO, A. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no Português do Brasil, 2006.

ISQUERDO, A. N. Brasileirismos, regionalismos e americanismos: desafios e implicações para a lexicografia brasileira. In: BERLINCK, R. de A.; GUEDES, M.; MURAKAWA, C. de A. A. (Org.) Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006a. p.11-29. (Trilhas lingüísticas, 8)

PEGADO, M. G. F. C. O estatuto da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe: uma análise em contexto escolar. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Dissertação de Mestrado, 2018.

RIBEIRO, J. História do Brasil. 14. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1954.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística geral. São Paulo: Cultrix/Edusp,1969.

TEYSSIER, P. História da Língua Portuguesa, 1980.

VILELA, M. A. Q. Reflexões sobre a política linguística nos PALOP, 2001.